

EU-LOS DOUTE PARTEM

“NA PRISÃO DE TIRADENTES, DEPOIS DA GREVE DA FOME, EM MAIS DE CINCO MASMORRAS NÃO HÁ TORTURA QUE O DOME”, CANTAVA ZECA AFONSO EM 1976. “ALÍPIO DE FREITAS” – ASSIM SE CHAMAVA A CANTIGA E O HOMEM DE QUE FALAVA – FOI PADRE PROGRESSISTA, AGITADOR SOCIAL E UM DOS MAIORES DEFENSORES DOS DIREITOS DOS CAMPONESES NO BRASIL. CAIU NAS GARRAS DA DITADURA MILITAR, FOI PRESO E TORTURADO DURANTE DEZ ANOS, MAS SOBREVIVEU PARA CONTAR, NA PRIMEIRA PESSOA, AS HISTÓRIAS DE UMA VIDA DE LUTA.

“Com o Padre Freitas as coisas não têm de ser, são”, dizia-se à época do português que preferiu construir escolas e centros de saúde nas zonas mais pobres do nordeste brasileiro, em vez de celebrar missas. Mas a veia de revolucionário e os ideais fortes a que nunca renunciou já se faziam sentir bem antes, ainda em Trás-Os-Montes. Mal tinha acabado de se ordenar padre e já Alípio de Freitas desafiava as intocáveis leis da Igreja Católica: recusou ir para Roma, declinou convites para dar aulas no seminário, exigiu permanecer numa paróquia pobre da Serra de Montesinho onde se sentia útil. “Criou-se uma situação insustentável, tinha-se quebrado a hierarquia”, conta. “O Bispo tinha a sua autoridade, que eu desrespeitava sempre, então a certa altura ele disse-me para tratar de encontrar outro bispo. E é assim que eu vou para o Brasil”.

Corria o ano de 1956 quando Alípio de Freitas viu neste episódio a oportunidade de cumprir uma vontade antiga, a mesma que o tinha levado ao seminário. “Eu resolvi ser padre porque tinha na cabeça outras coisas. Queria viajar pelo mundo, ser missionário... Tinha lido muito, sobretudo sobre os padres jesuítas que foram para a China, para a Índia ou para o Brasil, então esse era o meu imaginário de padre”.

A tradição de emigrar para o Brasil era já ancestral na família do português – desde o século XVII que antepassados seus se fixam no país – e o facto de lá ter um irmão a viver só ajudou à decisão. O arcebispo de São Luís do Maranhão aceitou de bom grado a proposta e recebeu-o de braços abertos.

“São Luís era uma cidade colonial muito interessante que na parte mais urbana se parecia muito com Lisboa. Mas ao mesmo tempo a cidade era cercada por grandes bairros muito, muito pobres. À volta da ilha era tudo mangue, aquela área de lodaçal onde se costumam apanhar caranguejos, e as pessoas viviam aí em casas de pau-a-pique, construções de barro cobertas de palha de palmeira”, recorda.

A realidade brasileira, que só conhecia das leituras que tinha feito e do relato dos familiares emigrados, impressionou-o. Assim, ao mesmo tempo que trabalhava como capelão e que dava aulas de História Antiga e de História Medieval na Universidade do Maranhão, Alípio de Freitas começou a frequentar as zonas mais carenciadas dos subúrbios de São Luís com um bispo auxiliar que estava muito ligado aos movimentos populares. “Comecei a trabalhar com a Juventude Católica Operária e com o pessoal dos bairros populares. Os brasileiros onde chegam fazem sempre uma organização. Às vezes nem é para nada, é só para fazerem uma festa ou uma feijoada. Eles juntavam as suas pobreza para poderem tomar mais uma cerveja e fazer um bailarico; a alegria do fim-de-semana dava para aguentar o tranco de uma semana de trabalho”. E foi nestas associações bairristas, que nem sempre tinham outro propósito para além do convívio, que o padre português começou a incentivar os trabalhadores a reivindicar os seus direitos. Por aqueles dias, discutia-se a falta de escolas, estradas e postos de saúde, criticavam-se os deputados que se ficavam pelas promessas em época eleitoral e que nunca mais apareciam nos bairros pobres. Para Alípio de Freitas, se “Maomé não vai à montanha, vai a montanha a Maomé” e assim insistia para que os camponeses fossem eles próprios às assembleias municipais pedir a palavra e exigir atenção. “A certa altura começou a haver um movimento, as pessoas começaram a organizar-se. Isto começou a tornar-se usual e a criar alguns problemas”, confessa.

As críticas não tardaram a chover. A Igreja não via com bons olhos a intromissão de um padre nas questões da terra, muito menos o apoio directo aos camponeses, que já davam sinais de estar a preparar um movimento mais sólido e organizado. As opiniões contrárias, porém, não chegaram para intimidar ou refrear Alípio de Freitas, que cada vez mais se envolvia a fundo nas movimentações populares, o que incluía a presença habitual nas reuniões sindicais de professores e tipógrafos. “Eu meto-me nessas histórias logo, logo. Chego em Fevereiro e se calhar em Maio já estava metido nessas andanças. E assim fui conhecendo as coisas. Fui estudando a organização laboral e trabalhista e uma coisa foi empurrando a outra”.

Enquanto a acção revolucionária de Alípio Freitas se confinou à cidade de São Luís, o arcebispo não levantou muitos problemas. Mas a influência do português – “aquele padre comunista!”, como muitos o chamavam – estava bem longe de ter fronteiras ou amarras, fossem elas quais fossem.

“Um dia, o dirigente camponês mais importante, o Augusto, – um grande amigo meu, um grande mestre que tive – convidou-me para o ajudar no campo e eu disse que sim. Isto aconteceu a partir de uma história muito simples. Recordo-me bem, foi no dia 7 de Setembro de 1958, o dia da independência do Brasil que se comemora em todo o país com sessões onde estão as pessoas mais importantes dos lugares. Numa dessas sessões, no final dos discursos sobre o valor da pátria, perguntaram se alguém queria falar. E aí levantou-se um camponês baixinho e magrinho e disse: ‘Eu quero falar!’”, recorda Alípio. O camponês era Augusto José do Nascimento que subiu à tribuna e “desancou” toda a ideia de pátria, ao alertar para as

desigualdades sociais que afectavam os pobres que, como ele, não se sentiam parte daquele conceito tão vazio que ali se celebrava. “Na sala estavam mais de 500 pessoas, mas o silêncio era tão grande que se caísse um alfinete no chão parecia um estrondo, um tiro de canhão. Eu só pensava que ele ia ser imediatamente preso ao sair dali. Mas contra a minha previsão – que eu levava do tempo em que vivi o fascismo em Portugal –, o Augusto foi aplaudido de pé!”, conta, sem esconder um certo orgulho no amigo e camarada de luta.

Os três dias que se seguiram, Alípio e Augusto passaram-nos no mangue, na casa do camponês, a discutir ideias e a delinear estratégias. Quase sem se dar conta, o padre acabava de entrar a sério naquele movimento. “Meter-me nessa luta pela terra começa a criar-me problemas com o arcebispo. Para piorar a situação, a certa altura eu exijo ter uma paróquia nos subúrbios. E lá fui eu”. Assim que chegou, o padre começou a dinamizar as associações dos bairros que lhe pertenciam: construiu escolas, um centro de saúde, tentava resolver os problemas das pessoas. Numa primeira fase, nem celebrava missa – não lhe parecia que os seus paroquianos precisassem disso –, mas com o adensar das críticas por parte do arcebispo, decidiu fazer-lhe a vontade. À sua maneira, claro. Como a igreja era muito pequena, o Padre Alípio dividiu a paróquia por ruas e decretou que cada uma delas tinha obrigação de missa num dos seis dias da semana – de segunda a sábado, o domingo estava reservado para uma missa extraordinária – e começou a fazer as celebrações em português, quando o latim era ainda a língua padrão, para além de permitir a comunhão sem confissão. Para o arcebispo tinha sido a gota de água num copo que transbordava incumprimento e rebeldia.

A partir deste ponto, os laços que ainda ligavam Alípio de Freitas à Igreja foram-se deteriorando de dia para dia. A participação do português num comício pelas reformas de base gera uma reacção muito azeda no jornal da arquidiocese e a viagem que faz a Moscovo, à revelia do arcebispo, para assistir a um congresso mundial da paz organizado por partidos comunistas, não ajuda. “Em 1962 desligo-me oficialmente da Igreja. Eu não podia estar numa Igreja que não estava do lado do povo, que estava contra tudo o que era progresso”, explica. Fixou-se então em Pernambuco e continuou a sua acção, agora já nas Ligas Camponesas. Fundou centenas de escolas seguindo o lema “de pé no chão também se aprende a ler” e participou activamente na campanha por Miguel Arraes para Governador do Estado. É por esta altura, em plena campanha, que Alípio é sequestrado pela primeira vez.

Os anos que se seguiram foram verdadeiros capítulos de terror na vida de Alípio de Freitas: a instauração da ditadura militar obrigou-o ao exílio e quando regressa ao Brasil para ajudar a organizar a luta armada contra o regime, acaba preso e sujeito a tortura por dez longos anos.

“Não nos tínhamos conseguido organizar e demos todo o tempo do mundo à ditadura. Havia vários grupos ditos revolucionários, todos queríamos a luta armada, mas o que é certo é que não conseguimos superar as nossas diferenças. Permitimos que a repressão fosse colhendo aqui e ali, que fosse matando, prendendo, sequestrando, obrigando a sair... A certa altura a repressão ficou sem combatentes internos”.

Numa altura em que a Europa pensava que a tortura já tinha sido abolida no Brasil, Alípio de Freitas era o exemplo vivo do contrário. O português já levava cinco anos de prisão quando decidiu escrever uma carta a contar a sua história, carta essa que chegou a Portugal, às mãos de Zeca Afonso. O cantor escreve “Alípio de Freitas”, incluída no álbum *Com as Minhas Tamanquinhas* (1976) e cantada depois por outros músicos de intervenção em vários pontos do planeta, e é assim que o mundo fica a saber que o Brasil continuava a fazer presos políticos.

“Dez anos depois, saio da prisão apátrida – tinha perdido a nacionalidade brasileira e portuguesa – e muito marcado pela minha actuação política. Estava também muito em divergência com a maior parte dos outros presos e exilados”, conta. Apesar da amnistia, a ditadura continuava no Brasil e Alípio de Freitas não partilhava do aparente conformismo dos antigos camaradas de luta. Depois de ter trabalhado como vendedor ambulante de camisas e como jornalista d’*A Tribuna*, o português decide partir para Moçambique, primeiro, e regressar a Portugal depois, onde continuou ligado aos movimentos sociais.

Derrota não é seguramente palavra que faça sentido no vocabulário de um homem que sempre lutou com tudo o que tinha e não tinha pelos ideais de igualdade e justiça. Hoje, olha para trás com a serenidade que só os anos conferem aos homens e repete aquilo que sempre disse: “nós não fomos derrotados, só perdemos uma guerra. O que é muito diferente”.

Muito crítico e atento ao que se passa à sua volta, Alípio de Freitas continua a confiar mais nos movimentos populares que nos partidos, pelos quais nunca quis alinhar. Ou não estivéssemos nós a falar do “homem de grande firmeza” que se tornou um verdadeiro símbolo vivo de resistência e revolução.